

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA**

CLAUDIA TUTIDA

**BIBLIOTECA ESCOLAR ALDO LOCATELLI
E A MEDIAÇÃO DA LEITURA:
estudo de caso**

PORTO ALEGRE
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA**

**BIBLIOTECA ESCOLAR ALDO LOCATELLI
E A MEDIAÇÃO DA LEITURA:
estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro

PORTO ALEGRE
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretor: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe: Prof.^a Dr.^a Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Samile Andréa de Souza Vanz
Vice-Cordenadora: Prof.^a Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

T966b Tutida, Claudia.

Biblioteca escolar Aldo Locatelli e a mediação da leitura:
Estudo de caso/ Claudia Tutida: orientadora Eliane Lourdes
Da Silva Moro. – 2013.

72f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (Graduação).

1. Biblioteca Escolar. 2. Mediação da Leitura. 3. Bibliotecário.
I. Moro, Eliane da Silva Lourdes. II. Título.

CDU 028.5

Catálogo: Claudia Tutida

Departamento de Ciências da Informação
Rua: Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana
Porto Alegre – RS – CEP: 90.035-007
Tel: (51) 3308.5067
Fax: (51) 3308. 5435
E-mail: dci@ufrgs.br

CLAUDIA TUTIDA

**BIBLIOTECA ESCOLAR ALDO LOCATELLI
E A MEDIAÇÃO DA LEITURA:
estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes
da Silva Moro

Aprovada em 13 de dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Lourdes da Silva Moro
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

Ketlen Stueber
Especialista em Biblioteca Escolar

Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à bibliotecária Elizabeth Figueiredo Nunes por ter me contagiado com o seu amor à prática biblioteconômica, e aos estudantes que frequentam a Biblioteca Escolar Aldo Locatelli por me transmitirem esperança.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Vera Lucia e Fernando, pela vida.

À minha mãe, por cuidar com esmero e carinho da minha filha e da nossa casa, nas minhas ausências.

Ao meu marido, Alexandre, por me incentivar e acreditar que era possível mudar.

À Dr.^a Denise, pela sabedoria e afeto.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Eliane Lourdes da Silva Moro, pela acolhida, dedicação e paciência.

À amiga Analia de Oliveira, companheira presente nos momentos difíceis e nas vitórias.

Ao grupo budista por me proporcionar conforto espiritual e confiança.

À chefe da Biblioteca da Fundação Zoobotânica, Monica Mondt, à bibliotecária Ketlen Stueber, e ao Gabriel Cogo Jadoski pelo companheirismo, aprendizado e a convivência harmoniosa na minha prática de estágio nesta instituição.

À diretora da Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes, Berenice Corsetti, e a todos os demais funcionários e colegas de trabalho, em especial ao Jorge Antônio Vargas Chaves, Maíra Araújo Rego e Maristela Montano da Cunha, pela presteza no fornecimento das informações solicitadas.

Aos estudantes que frequentam a Biblioteca Aldo Locatelli com seus olhares atentos, curiosos, meigos, agitados, amorosos, carentes, enfim, repletos de humanidade.

A todos meus familiares que me acompanharam de perto nesta jornada: Sr. Ariosto, Dona Rosa, Andréia, Foguinho, Andresa, Adriano, Nicinha, Ademir, Mainara, Mariana, Guilherme, Gabriel, Giovana e Luisa, pela presença amorosa e constante neste momento especial da minha vida.

E também aos familiares e amigos, que embora estejam longe alguns quilômetros de distância, ainda assim aquecem meu coração com sua torcida e amor verdadeiros.

RESUMO

Analisa a mediação da leitura entre o bibliotecário e alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental na rede pública estadual de educação em Porto Alegre. Apresenta considerações sobre a leitura, a escola, os estudantes, a biblioteca escolar e a mediação da leitura. Aborda conceitos de mediação da leitura aplicados à biblioteca escolar. Consiste em uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Os sujeitos do estudo são 16 estudantes do Ensino Fundamental e uma bibliotecária da Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes. Os instrumentos de coleta de dados utilizados consistiram em: entrevistas semi-estruturadas e observação direta. A análise de dados se deu a partir do referencial teórico e dos dados coletados. Conclui que ocorre a mediação da leitura através de atividades variadas como o Serviço de Referência, Hora do Conto e as interações e mediação entre a bibliotecária e os estudantes.

Palavras-Chave: Bibliotecário. Mediação da Leitura. Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

Mediation analyzes of reading between the librarian and students from the 2nd to 5th year of elementary school in the public state education in Porto Alegre. Presents considerations about reading, school, students, the school library and reading mediation. Addresses concepts of reading mediation applied to library school. Consists of an exploratory qualitative approach.

The subjects are 16 elementary school students and a librarian at the State School of Basic Education Fernando Gomes. The data collection instruments used were: semi-structured interviews and direct observation. The analysis of data was from the theoretical framework and the data collected. Concludes that mediation occurs reading through various activities such as Reference Service, Story Time and interactions and mediation between the librarian and students.

Keywords: Librarian. Mediation of Reading. School Library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1: Proporção de usuários da Biblioteca Escolar Aldo Locatelli por série no ano de 2011	41
Tabela 2: Distribuição dos estudantes entrevistados	46
Figura 1: Gráfico de frequência à biblioteca	48

LISTA DE ABREVIATURAS

BE	Biblioteca Escolar
EJA	Educação de Jovens e adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
OEA	Organização dos Estados Americanos
PISA	<i>Programme for International Student</i>
PNBE	Programa Nacional da Biblioteca Escolar
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	AS INTERFACES DA LEITURA	14
2.1	As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e o Letramento Informacional.....	17
2.2	A Leitura na escola.....	18
3	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E COGNITIVO NA INFÂNCIA	21
3.1	A Leitura e os escolares entre 7 e 12 anos.....	23
4	BIBLIOTECA ESCOLAR	25
5	MEDIAÇÃO DA LEITURA E O BIBLIOTECÁRIO.....	30
6	METODOLOGIA.....	37
6.1	Tipo de pesquisa.....	37
6.2	Instrumentos de coleta de dados.....	38
7	CONTEXTO DO ESTUDO.....	39
7.1	Biblioteca Escolar Aldo Locatelli.....	39
8	SUJEITOS DO ESTUDO.....	42
9	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
9.1	Entrevista com a bibliotecária.....	43
9.2	Entrevistas com os estudantes.....	46
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO.....	58
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	64
	APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA.....	66
	APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES.....	67
	ANEXO A – CALENDÁRIO HORA DO CONTO.....	68

ANEXO B - RELAÇÃO DE LIVROS UTILIZADOS PARA HORA DO CONTO	69
TURMAS: JARDIM AO 2º ANO.....	
ANEXO C – RELAÇÃO DE LIVROS UTILIZADOS PARA HORA DO CONTO TURMAS: 3º ANO AO 5º ANO.....	70

1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretende abordar os aspectos que envolvem a mediação da leitura entre o bibliotecário e estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em uma biblioteca da rede pública estadual de ensino, em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul.

A mediação da leitura tem sido apontada como elemento fundamental no tocante à elevação dos índices de competência leitora. Países que investem em bibliotecas escolares e fomentam projetos de incentivo à leitura assistem ao progresso de seus alunos verificado em provas e exames de avaliação.

Nos últimos anos vem aumentando o interesse por parte dos pesquisadores em relação à Biblioteca Escolar e aos temas a ela ligados. A importância de sua função como mediadora entre a cultura letrada e os escolares, é um assunto que nos faz refletir sobre a leitura na escola e as condições das bibliotecas escolares, sobre o processo de mediação, e sobre as características peculiares de desenvolvimento das crianças que frequentam as séries iniciais do Ensino Fundamental.

Na era da Informação e na Sociedade do Conhecimento, onde são enormes as expectativas em torno das competências necessárias para que o cidadão tenha autonomia, e senso crítico para lidar com as informações, o ato de ler é um elemento imprescindível para a construção de outras habilidades cognitivas.

A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, e a linguagem escrita é um aperfeiçoamento da linguagem oral. Ela é um sistema de representação da realidade que funciona como uma espécie de filtro através do qual o homem será capaz de ver o mundo e agir sobre ele. Desta maneira o modo pelo qual os estudantes entram em contato com a escrita, e a leitura, e fazem uso desta, interfere em sua visão de mundo e nas possibilidades de ação sobre o mesmo.

Além disso, os escolares dentro da faixa etária de 7 a 12 anos ainda estão em processo de desenvolvimento e maturação psíquica e cognitiva, onde a alfabetização e a leitura desempenham papel fundamental. O uso dos signos, entre eles o signo escrito, também atua na construção de habilidades mentais responsáveis pela humanização destes estudantes.

Os objetivos desta pesquisa foram: identificar situações de mediação da leitura, observar como ocorre a atuação do bibliotecário e alunos do 2º ao 5º ano no processo de mediação e descrever as atividades de mediação da leitura.

2 AS INTERFACES DA LEITURA

O conceito de leitura e a prática da mesma ocorrem sempre num determinado contexto sócio-histórico e sofrem transformações ao longo do tempo. O momento atual segundo Chartier (1999) apresenta certas características: em primeiro lugar o processo que se desenvolveu desde meados do século XIX com a produção industrial da atividade gráfica que gerou a multiplicação dos impressos e culminou com a explosão informacional no início do século XX; em segundo lugar a revolução tecnológica que ao introduzir novos suportes de leitura além de tornar o leitor muito mais livre, trouxe também muitas outras consequências, e por último o fato de tanto a escrita como a leitura apresentarem se muito mais complexas.

Um exemplo desta evolução e complexidade pode ser percebido na seguinte passagem de Santaella (2013, p. 1)

Fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores. Há o leitor da imagem, desenho, pintura, gravura, fotografia. Há o leitor do jornal, revistas. Há o leitor de gráficos, mapas, sistemas de notações. Há o leitor da cidade, leitor da miríade de signos, símbolos e sinais em que se converteu a cidade moderna [...]. Há o leitor espectador, do cinema, televisão e vídeo. A essa multiplicidade, mais recentemente veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica, o leitor da escritura que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas, enfim o leitor das arquiteturas líquidas da hipermídia, navegando no ciberespaço.

A leitura apresenta uma multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, porém, há uma tensão e as experiências individuais estão sempre dentro de modelos e normas compartilhadas. O leitor pode ser único, mas sua singularidade é perpassada por características que o tornam semelhante a todos os outros daquela mesma comunidade. Dessa forma pode-se afirmar que o que diferencia as comunidades leitoras na contemporaneidade “[...] resulta das divisões entre as classes, dos processos diferentes de aprendizagem, das escolaridades mais ou menos longas, do domínio mais ou menos seguro da cultura escrita”. (CHARTIER, 1999, p.92).

Para Silva (1995) a leitura é um processo historicamente determinado que congrega e expressa, os anseios da sociedade. Compreendida dialeticamente, a leitura, nas sociedades contemporâneas, divididas em classes antagônicas, pode se apresentar de duas formas: na primeira, na condição de um instrumento de controle, empregado pelos setores dominantes, e contribui para a manutenção da ordem social. E na segunda condição como um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como a sociedade se relaciona ativamente com a produção cultural, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações da linguagem. A leitura como um meio de aproximação entre indivíduos e a produção cultural podendo significar a possibilidade de acesso ao conhecimento e poder de crítica por parte do leitor.

[...] a leitura se reveste de grande importância e significado em todo o desenvolvimento na vida das pessoas, compreendida como práticas e representações sociais desde o nascimento até a morte, permanente no processo de desenvolvimento, em uma interação com o mundo e com o outro. (MORO, 2011, p.77).

A leitura também pode ser compreendida como um processo de interação que envolve a presença de um leitor ativo e o texto. O leitor sempre apresenta um objetivo, uma finalidade que faz com que ele busque uma informação. Essas finalidades são variadas: conhecer as regras de um jogo, preparar uma receita culinária, informar-se sobre um fato, preencher um momento de lazer. Dependendo dos objetivos do leitor ele fará uma certa interpretação do texto, o que possibilita que construa interpretações diferentes do mesmo texto. Além dos objetivos, interferem também na construção do significado os conhecimentos que o leitor já possui. E por fim a variedade de textos também oferece diferentes possibilidades e limitações. (SOLÉ, 1998).

Para Neves (2007) a leitura é um processo de comunicação interpessoal, ela pode ser mediada por um texto, pode assumir várias formas, suportes diversos ou ocorrer diretamente de pessoa a pessoa. Por isso ela é um instrumento fundamental para a interação dos indivíduos no meio social. Ela proporciona a construção do conhecimento, a produção de novas interpretações, de novos textos, de novas leituras.

E a leitura ainda é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita.

Quando o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras...), de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como *input* para o nível seguinte: assim, através de um processo ascendente, a informação se propaga para níveis mais elevados. Mas simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico, sintático, grafo-tônico) através de um processo descendente. Assim o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre aquele. Do ponto de vista do ensino, as propostas baseadas nesta perspectiva ressaltam a necessidade de que os alunos aprendam a processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possível sua compreensão. (SOLÉ, 1998, p. 24).

A maneira de se apropriar da leitura e os significados a ela atribuídos são diversos, tão ricos quanto a imensa potencialidade do ser humano.

Segundo Petit (2009, p. 65) “Ler, apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação”. Porque aquele que lê ou ouve um texto, abre outro espaço, rompe com a situação em que se encontra, abre uma nova oportunidade de uma atividade psíquica, volta ao movimento de um tempo que parecia congelado.

Neste trabalho focamos principalmente os aspectos que envolvem a leitura da palavra escrita e acreditamos que a sua apropriação é de fundamental importância tanto para o desenvolvimento humano como para as transformações sociais tão necessárias.

Para Garcez (2008) a distribuição dos bens simbólicos no Brasil é desigual. O Instituto Paulo Montenegro registrou em 2007, o índice de 32% de analfabetos funcionais na população com mais de 15 anos de idade. Constituem o grupo dos analfabetos funcionais aqueles que são analfabetos absolutos e os indivíduos que não são capazes de utilizar de maneira satisfatória os instrumentos da leitura e da escrita no seu cotidiano.

Em relação à prática da leitura, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil aponta 45% da amostra como não-leitores, ou seja, aqueles que declararam não ter lido um único livro nos três meses anteriores à pesquisa. Destes não-leitores, 28% são analfabetos e 35% têm apenas até a 4ª série. Em contrapartida, na classe A, a porcentagem registrada é de apenas 5% de não-leitores, e no Ensino Superior a taxa cai para 2%. (GARCEZ, 2008).

A prova PISA avalia, entre outros quesitos, as habilidades de leitura e o Brasil ocupa a 53ª posição dentro de um conjunto de 57 países. Outros indicadores que avaliam a educação brasileira através de provas como o ENEM, Prova Brasil e SAEB demonstram que 50% dos alunos ficam aquém do desejado quanto a competência leitora.

Pode-se perceber por essas estatísticas que a prática da leitura está estreitamente ligada aos anos de escolarização. Embora tenha ocorrido nos últimos anos a democratização do acesso ao ensino, a qualidade do mesmo pode ser questionada. As altas taxas de analfabetismo funcional e de segmentos não-leitores é um indicador de que, lamentavelmente, muitos passam pela escola e não se apropriam das habilidades necessárias para dominar a leitura.

Lázaro e Beauchamp (2008) destacam que é a escola quem faz o Brasil ler. É por meio da escola pública, que forma a maioria da população, que se tem acesso aos livros, onde se lê não apenas para realizar tarefas, mas também por prazer. Depois da mãe, a professora é a principal incentivadora da leitura. Na opinião dos autores as políticas públicas de acesso ao livro e de promoção da leitura são muito importantes para reduzir as desigualdades regionais e de classe. Neste contexto inserem-se as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Letramento Informacional.

2.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Letramento Informacional

Ambas são estratégias que buscam minimizar a exclusão social, fruto do embate de classes e do avanço tecnológico, dando instrumentos e recursos para que os indivíduos possam ter acesso à informação e exercer sua cidadania.

As TIC oferecem inúmeras possibilidades de comunicação, de interação e de inclusão social e digital, reduzem o tempo e o custo e atendem a um maior número

de necessidades individuais, tem um papel significativo no setor educacional, social e pessoal. (MORO; ESTABEL, 2012).

O desenvolvimento das TIC influencia no processo de transformação espacial e afeta o desempenho de atividades rotineiras das pessoas como o lazer, saúde, educação e trabalho. (ESTABEL; MORO, 2011).

Ao lado das TIC o Letramento Informacional é mais um passo na trajetória da profissão bibliotecária na busca de melhor exercer seu papel educativo. Ele focaliza o desenvolvimento das habilidades das pessoas para lidar com as informações de forma eficaz. Para melhor se adaptar à cultura digital, à globalização e a abundância de informações e de variedade de formatos, justifica-se a atuação pedagógica do bibliotecário.

O Letramento Informacional desenvolveu-se junto às teorias construtivistas de aprendizagem. Um dos modelos resultante destes estudos aborda os seguintes aspectos do processo de aprendizagem pela busca e pelo uso de informação: a) os pensamentos sobre o assunto a ser pesquisado (dimensão cognitiva); b) os sentimentos que tipicamente acompanham a evolução do pensamento (dimensão afetiva); c) e as ações de buscar e usar fontes de informação (dimensão física). Divididos nos seis estágios: 1) início do trabalho; 2) seleção do assunto; 3) exploração de informações; 4) definição do foco; 5) coleta de informações; 6) apresentação dos resultados; mais a avaliação do processo. As práticas de Letramento Informacional tem se mostrado bastante amadurecidas nos Estados Unidos, principalmente com os trabalhos da pesquisadora Carol Kuhlthau. No Brasil a apropriação do conceito e as práticas embasadas nele ainda são bastante incipientes. (CAMPELLO, 2009).

Tanto a mediação através das TIC quanto o desempenho do Letramento Informacional pressupõem o domínio da leitura.

2.2 A Leitura na escola

Robledo¹ (2002, apud PETIT, 2009, p. 75) nos contempla com a seguinte afirmação:

¹ ROBLEDOS, B. H. Bibliotecas públicas em poblaciones marginadas. Y eso,? Para qué serve? In: **Formación de lectores: escuela, biblioteca pública y biblioteca escolar**. Memórias do V Congresso Nacional de Leitura. Bogotá, Fundalectura, 2002, p. 308-312.

Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais [...] um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado.

Nas escolas públicas estaduais, muitos dos estudantes vivem no limiar de situações de desagregação social: são crianças cujo pai ou mãe encontram-se privados de liberdade, em outros casos sofrem de dependência química causada pelo álcool ou outras drogas ilícitas. Muitos vivenciam situações de agressão e violência física ou sexual. Para essas crianças talvez a leitura seja uma saída para elaborar psicologicamente parte desses conflitos a que são submetidas. Isso é possível porque o texto traz consigo as marcas do trabalho psíquico e literário deixadas por um escritor. Este texto provocará em alguns leitores, não somente pensamentos, mas emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. A energia então liberada poderá fazer o leitor sair do lugar em que se encontrava imobilizado. (PETIT, 2009).

Conforme ainda afirmam Estabel e Moro (2011) as atividades de leitura possibilitam a reflexão sobre situações e conflitos vivenciados, pois, permitem ao leitor o reconhecimento de que existem problemas, mas ao mesmo tempo conseguem visualizar alternativas de solução.

Segundo Chagas (2011) a leitura na escola propicia que as crianças sejam introduzidas no mundo das letras e palavras escritas. E a alfabetização provoca nelas modificações de raciocínio e compreensão que são imutáveis. A maioria do conhecimento produzido pelo homem está registrada através da escrita, em livros, periódicos e outras formas gráficas. Com o transcorrer da evolução educacional a necessidade da leitura vai aumentando, já que os livros são utilizados como instrumento básico para as atividades de ensino-aprendizagem.

A leitura, na escola, não deveria ser vista como um hábito, mas sim valorizada a sua função poética, porém ainda observa-se muito nas práticas desenvolvidas na escola, uma maior ênfase na decodificação e compreensão da gramática do que o prazer proporcionado pelo texto. (CHAGAS, 2011).

Caldin (2002) corrobora este pensamento ao afirmar que embora os textos para as crianças pertençam tanto à literatura quanto à pedagogia, pois, provocam emoções e servem de instrumento educativo, a escola privilegia a função referencial da linguagem centrada sobre os referentes textuais, e despreza a função poética

como capaz de contribuir ao desenvolvimento linguístico. A criança terá mais chances de ser boa leitora se for estimulada corretamente para isso, se os bibliotecários contribuírem com acervos atrativos e se os professores não transformarem em obrigação o que pode ser feito por prazer, e se o objetivo maior for a aprendizagem cultural e não apenas informativa.

Destacam-se algumas ações que não são recomendadas para uma boa formação de leitores: a) regras rígidas para uso da coleção estabelecendo prazos e cobranças incompatíveis com o grau de desenvolvimento da leitura; b) rotular os livros com tarjas coloridas que os classificam por tamanho e formato de letras e a partir destas marcações decidir pelas crianças o que elas devem ler, impedindo-as de exercitar o direito de escolher aquilo que são capazes de ler. (CHAGAS, 2011).

Embora os escolares tenham a tendência biológica em seguir determinadas fases de amadurecimento cognitivo, este não ocorre de modo igual para todos, pois conforme afirma Vygotsky (2003) são processos em movimento, fruto da interação entre o individual e o coletivo, entre o particular e o social.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E COGNITIVO NA INFÂNCIA

Segundo Vygotsky (2003) o desenvolvimento da criança obedece ao princípio dialético porque não se realiza através de mudanças lentas e graduais, mas com saltos em certos pontos, em que a quantidade se transforma em qualidade e pode se diferenciar períodos qualitativos do desenvolvimento infantil. Assim, o autor identifica as diversas fases pelas quais o ser humano passa e que tem início com a crise pós-natal, entre os dois primeiros meses de vida até um ano de idade, e culmina com a crise dos 17 anos, cada uma destas etapas com características específicas. Os estudantes do nosso estudo, cursando entre o 2º e 5º ano possuem entre 7 e 12 anos, apresentam-se, segundo Vygotsky, dentro do estágio de desenvolvimento caracterizado pela crise dos 7 anos.

Neste período a criança é provida de todos os hábitos necessários para se transformar em adulto. Seu comportamento torna-se mais complexo, e, novas relações são estabelecidas com os que a cercam. Surge uma força que a impele para o mundo, para estreitar relações com este. Este período termina com a época do amadurecimento sexual. É uma etapa trágica na vida da criança. Caracteriza-se por maior conflito com o ambiente. Apresenta comoções (manifestação de viva sensibilidade) internas e externas. O fato do instinto sexual estar condenado à inação gera um grave conflito entre a criança e o ambiente, assim como da criança consigo mesma. Ainda destaca-se uma excitabilidade elevada e atitudes desajeitadas, um reflexo da falta de adaptação ao meio. Para a educação é uma fase decisiva onde são estabelecidas as formas básicas de sublimação, devido à exteriorização da energia sexual substituída pela sublimação alcançada por meio da educação. (VYGOTSKY, 2003).

De acordo com Ferreira e Araújo (2001) o período compreendido entre 6 e 12 anos, chamado de latência, é marcado pelo sentido da organização, diferenciação, sofisticação e ampliação do aparato psíquico. As mudanças apóiam-se em um substrato orgânico, o cérebro amadurece completamente até os 10 anos de idade. É nesse período que a criança dá início à construção da sua identidade, ao mesmo tempo em que controla a impulsividade e aumenta sua capacidade de socialização.

Começa ocorrer também um desligamento progressivo dos cuidadores, ou seja, os pais deixam de ser a figura central de suas vidas. As crianças fazem

tentativas no sentido de ampliar as suas relações e buscam encontrar novos modelos com os quais se identificam. Elas apresentam dificuldade para relatar suas experiências aos pais, o que pode causar-lhes grande apreensão. “A criança esconde suas dificuldades e não busca ajuda, deixando os pais perdidos e com sensação de impotência.” (FERREIRA; ARAÚJO, 2001, p.108).

O pensamento concreto é substituído aos poucos pela capacidade de abstrair e de simbolizar. O desenvolvimento do pensamento simbólico permite ações de intelectualização e racionalização. Dos sete e meio aos oito anos e meio de idade inicia o pensamento operacional concreto, que é uma forma de pensamento abstrato que se apoia em características concretas da experiência. No final do período de latência, surge o pensamento operacional abstrato que pode ser estendido a outras experiências e ideias na ausência de representação concreta – que nada mais é que a generalização.

Nesta etapa da vida a criança sofre, encontra-se em conflito porque sente, em todo momento, a sua capacidade de aprender, tanto na escola como fora dela, sendo desafiada. Nesta fase ela não irá mais questionar tanto os porquês, mas sim buscará através de seus próprios sistemas satisfazer sua curiosidade. E passará pela etapa em que suas respostas deixarão de ser imediatas, pois, se permitirá pensar e elaborar no seu tempo próprio suas reflexões. Ainda neste período o desenvolvimento cognitivo permitirá a compreensão de regras sociais e a cooperação no grupo.

Para Vygotsky (2003, p.82) “[...] a educação pode ser definida como a influência e a intervenção planejadas, adequadas ao objetivo, premeditadas conscientes, nos processos de crescimento natural do organismo.” O autor também defende que:

Potencialmente, a criança contém muitas personalidades futuras; ela pode vir a ser isto ou aquilo. A educação produz a seleção social da personalidade externa. A partir do ser humano como biótipo, a educação, por meio da seleção, forma o ser humano como tipo social. (VYGOTSKY, 2003, p. 82).

Cabe então aos educadores, professores e bibliotecários desenvolver ações e tomadas de decisão que interferem na formação do leitor, na sua habilidade em lidar com a linguagem escrita. Para contribuir com a construção de ações planejadas

conscientemente e intervir na seleção social das múltiplas possibilidades de personalidades que as crianças possuem.

Vygotsky (2003, p. 171), referindo-se à linguagem em geral afirma que “[...] a linguagem realiza duas funções totalmente diferentes: por um lado serve como meio de coordenação social da experiência das pessoas; por outro, é o instrumento mais importante de nosso pensamento.”

3.1 A Leitura e os escolares entre 7 e 12 anos

Em relação à leitura entre 5 a 8 ou 9 anos os escolares preferem histórias de animais, crianças, encantamento, pois, mantém o pensamento mágico. Desenvolvem-se junto à mentalidade mágica conceitos de espaço, tempo e causa, por isso suas preferências indicam histórias do cotidiano. O ambiente deve ser próximo: família, casa, escola, comunidade. Apreciam contos de fadas, contos de humor. Elas são capazes de realizar leitura compreensiva de textos curtos, leitura silábica e de palavras. A ilustração é necessária, pois, facilita a compreensão. Os livros mais indicados são aqueles com textos curtos e predomínio de ilustração com poucos personagens. (AGUIAR, 1985).

Entre 9 e 12 anos apresentam gosto pelas histórias de fadas e histórias vinculadas à realidade. As crianças começam a orientar-se no mundo concreto, mas isto ainda ocorre através da vivência de situações mágicas. É o momento em que adquirem fluência no ato de ler e passam da simples compreensão imediata à interpretação das ideias do texto. O amadurecimento do seu sistema nervoso central propicia-lhes classificar, ordenar e enumerar dados. Apreciam aventuras, narrativas, fábulas, mitos, lendas. Os contos de fadas modernos são bastante indicados uma vez que questionam as normas estabelecidas e desenvolvem o espírito de crítica e de busca de novas soluções. Sugere-se textos curtos com pouca ilustração. Os meninos tendem a gostar mais de histórias de aventura, mistério, biografias, conto fantástico. As meninas preferem histórias emotivas sobre família, escola, histórias de amor. (AGUIAR, 1985).

Para a pesquisadora Ramos (2005) a leitura deve ser vista como uma atividade lúdica semelhante ao jogo, onde o sujeito interage e são acionadas estratégias na resolução de questões conflitivas. Nesse sentido a literatura se

manifesta como um recurso para a interação social e o autoconhecimento do ouvinte ou do leitor. A literatura também interfere na individualidade do sujeito, do ponto de vista emocional, quanto atua no desenvolvimento cognitivo.

Para tanto é preciso que a biblioteca escolar esteja preparada para atender e fomentar estratégias de mediação da leitura levando em consideração as diferentes fases de desenvolvimento psíquico e cognitivo dos escolares.

4 BIBLIOTECA ESCOLAR

Biblioteca escolar é, antes de tudo, símbolo de resistência. É fruto tanto do descaso de autoridades governamentais e da sociedade, assim como é fruto da luta de segmentos sociais, de associações de classe e de pessoas engajadas, utópicas, conhecedoras do poder emancipatório da leitura do mundo. Biblioteca escolar é fruto deste confronto cotidiano, histórico.

Biblioteca escolar é Hora do Conto: hora de sonhar, de se libertar de uma realidade na maioria das vezes caótica e opressora. Para isso necessita ter um acervo organizado, preservado, catalogado, classificado e disponível para a comunidade escolar e, se possível também diretamente para comunidade social em seu entorno. Biblioteca escolar é ponto de encontro para comunhão entre bibliotecários, professores, alunos, funcionários e equipe diretiva rumo aos mesmos objetivos: aprendizado, desenvolvimento e transformação.

Bibliotecas escolares são amparadas por uma legislação e diretrizes estaduais, federais e internacionais avançadas, progressistas, porém, ainda, infelizmente, pouco conhecidas e pouco implementadas. Vejamos algumas destas proposições:

Segundo Manifesto da IFLA/UNESCO

A biblioteca escolar (BE) propicia formação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Nesta definição podemos perceber claramente a intenção de que a biblioteca escolar tenha o comprometimento de atuar na raiz da formação intelectual dos estudantes visando o exercício da cidadania.

Já para a Organização dos Estados Americanos (OEA, 1985)

A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e de formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula

a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apóia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula. Trabalha também com os pais de família e com outros agentes da comunidade (OEA, 1985, p. 22).

Este documento mostra a preocupação em organizar e disponibilizar os diversos tipos de suportes da informação. Vincula a biblioteca escolar ao Sistema Educacional aproximando-a do currículo, do incentivo à leitura, da prática científica, bem como do apoio aos professores. Reconhece a sua importância na atuação junto aos familiares e à comunidade e a sua contribuição para o desenvolvimento da criatividade e da recreação.

Em relação à leitura pode se destacar também os seguintes objetivos expressos no “Modelo flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares” (FEBAB, 1985):

- a) Contribuir com programas de leitura, disponibilizando materiais que atendam as necessidades dos leitores;
- b) Oportunizar experiências que estimulem o gosto pelos livros e o prazer da leitura como lazer, recreação e fonte de informação;
- c) Contribuir para formação de um leitor autônomo em sua capacidade de seleção, crítico e criativo em relação com a leitura;
- d) Estimular no aluno a confiança em si mesmo através de experiências exitosas e prazerosas em relação à leitura.

Ou seja, espera-se que as bibliotecas escolares além de disponibilizar material adequado às necessidades dos leitores também criem oportunidades para que estes desenvolvam uma relação prazerosa com as atividades de leitura, sem perder de vista a criticidade, a autonomia e a criatividade em relação à mesma.

Como mediadora, a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola. Desse conceito depreende-se que a função da biblioteca escolar é incentivar a leitura dos alunos, tendo como objetivo a formação dos futuros leitores, e oferecer as condições necessárias à comunidade escolar, através da facilitação dos serviços de informação, em benefício do desenvolvimento do currículo e da competência do aluno para aprender a aprender. (VALIO, 1990, p.20).

A citação acima também reforça a ideia de que a biblioteca escolar deve fazer a mediação entre os materiais bibliográficos e os estudantes e professores. Deve ao mesmo tempo dar suporte ao currículo escolar e incentivar a leitura como meio de aprender a aprender.

Segundo Chagas (2011) o fato do Brasil ainda ser carente em relação às bibliotecas públicas faz com que seja imprescindível o aumento do número de bibliotecas escolares. Elas devem servir de mediadoras entre os documentos e estudantes e professores, apoiar as atividades de ensino-aprendizagem, e fornecer informações atualizadas e adequadas às necessidades da comunidade escolar. Bibliotecas escolares precisam ser organizadas de acordo com as características de seu público, ou seja, alunos, professores, funcionários, pais e membros da comunidade; seguir padrões internacionais de organização; possuir acervos atualizados e adequados às características de seus usuários, disponibilizar enciclopédias, dicionários, livros didáticos, literatura, periódicos e outros; educar os usuários para uso do acervo, capacitando-os a utilizar as fontes de informação; e contar com profissionais habilitados incluindo bibliotecários e professores.

O contexto das escolas em que estão inseridas as bibliotecas escolares é marcado por sérios problemas da vida urbana. O processo contínuo e crescente de violência em suas mais diferentes formas acaba por deixar educadores impotentes e amedrontados diante da interiorização da brutalidade que se instaura como cultura a seduzir crianças e jovens. A reprodução da violência social que ocorre no espaço escolar reflete a necessidade do estabelecimento de novos referenciais sociais e culturais. (CHAGAS, 2011).

Esta análise da conjuntura social coloca mais um desafio para o bibliotecário escolar, ou seja, criar condições para que se veja a realidade criticamente e apontar outros caminhos, outros modelos de relações sociais e de valores, que não sejam permeados pela violência e banalidade.

O Brasil é um país continental e a diversidade de realidades se faz presente também em relação às bibliotecas escolares. Neste estudo nos limitaremos a apresentar algumas características das bibliotecas escolares no Rio Grande do Sul.

A grande maioria dos jovens da sociedade gaúcha frequenta as escolas públicas municipais ou estaduais. No Rio Grande do Sul, o Sistema Estadual de Educação abrange 9.841 escolas e 2.471.334 estudantes matriculados. Destes alunos, 1.158.483 estudam na rede estadual e 950.608 na rede municipal. A rede

estadual e municipal atende 80% dos estudantes. (SERAFINI; ZANOTTO, 2011). A alfabetização e o início da prática de leitura ocorrem nestes espaços. Dentro deles a biblioteca se constitui como um elemento fundamental para criar e desenvolver leitores num processo contínuo.

Segundo Serafini e Zanotto (2011) podem ser destacadas as seguintes características das bibliotecas escolares no Rio Grande do Sul.

Os aspectos positivos encontrados nas bibliotecas escolares são:

- a) Mais de 60% da rede de ensino conta com bibliotecas;
- b) Muitas bibliotecas atuam em nível de excelência na prestação dos serviços;
- c) Existem programas de estímulo à leitura;
- d) Bibliotecas estão incluídas nos projetos pedagógicos das escolas;
- e) Escolas com previsão de bibliotecas em seus regimentos escolares;
- f) Bibliotecas com serviços bibliotecários;
- g) Bibliotecas escolares promovendo a cultura na comunidade e integradas com as bibliotecas públicas;
- h) Bibliotecas atrativas, acessíveis, atualizadas e próximas à comunidade;
- i) Valorização das bibliotecas por parte da comunidade;
- j) Bibliotecas escolares ocupam um lugar de destaque nas escolas e no imaginário dos seus usuários;
- k) Bibliotecas integram as políticas educacionais e culturais do estado e municípios. (SERAFINI; ZANOTTO, 2011, P. 77)

Além destas características consideradas positivas, há também os aspectos que precisam ser superados, dentre eles destacam-se os seguintes:

- a) Em torno de 40% das escolas não tem bibliotecas;
- b) Escolas com bibliotecas fechadas;
- c) Bibliotecas abertas, mas não atrativas do ponto de vista do interesse dos alunos e de atualização dos serviços e acervo;
- d) Bibliotecas com livros empilhados e fechados em caixas sem uso;
- e) Acervos desorganizados e de difícil acesso;
- f) Falta de bibliotecários e educadores que não tem formação para atuar em biblioteca e promover a leitura;
- g) Falta de atuação em redes locais de bibliotecas. (SERAFINI; ZANOTTO, 2011, p. 77).

Percebe-se pelas características acima apontadas que mesmo dentro de um único estado da federação brasileira as circunstâncias e as modalidades de funcionamento e de serviços oferecidos pela biblioteca podem variar muito. O Rio Grande do Sul apresenta 60% de suas escolas equipadas com bibliotecas, sendo que muitas delas apresentam programas de estímulo à leitura e fazem parte do projeto político pedagógico da instituição, o que evidencia o seu reconhecimento

junto à mesma, e ao mesmo tempo demonstra engajamento junto aos desafios educacionais e sociais.

Por outro lado ainda resta a triste estatística que aponta 40% das escolas sem bibliotecas, ou com bibliotecas fechadas, com livros encaixotados, falta de bibliotecários e educadores qualificados. No entanto, espera-se que esta situação seja aos poucos revertida, nesse sentido a Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que obriga a que todas as escolas possuam bibliotecas, supervisionadas pelo profissional bibliotecário, até 2020 é um fator positivo que acalenta esperanças e concomitantemente instrumentaliza politicamente setores da sociedade para lutar pelos seus direitos.

O objetivo primordial da educação formal é a transferência do conhecimento. O conhecimento pressupõe a informação, como seu núcleo. O educando ao agregar significado à informação transforma-a em conhecimento que resultará em contribuição para sua contínua evolução como pessoa. Cabe à biblioteca escolar uma parcela importante relativa ao sucesso ou fracasso de uma proposta pedagógica que priorize o livre acesso à informação. (NEVES, 2003).

A biblioteca escolar é então uma instituição e um espaço imprescindível para que ocorra a mediação da leitura por parte do bibliotecário. Sem a mesma não há como organizar acervos, disponibilizar materiais em diversos suportes, fazer a mediação entre os documentos e os usuários ou a mediação oral através da hora do conto ou do atendimento cotidiano das necessidades daqueles que adentram a biblioteca.

5 A MEDIAÇÃO DA LEITURA E O BIBLIOTECÁRIO

A palavra mediador pode ser entendida como aquele que intervém. O homem relaciona-se com o mundo e com os outros homens através da mediação. Ela possibilita que as Funções Psicológicas Superiores, através da sensação, da percepção, da atenção, do pensamento e da memória, se desenvolvam. (MORO; ESTABEL, 2012). Segundo Rego² (1995, p. 42-43) apud Moro e Estabel (2012, p. 43) “a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, pois é mediada por meios, que se constituem ferramentas auxiliares da atividade humana, e a capacidade de criação destas ferramentas é exclusiva da espécie humana”. A utilização de signos permite ao ser humano controlar suas atividades psicológicas e também ampliar as capacidades de atenção, memória e acúmulo de informações.

Desde o nascimento, a criança inicia sua relação com o mundo por meio da mediação e em todo o processo do seu desenvolvimento a mediação está presente de diferentes maneiras, intensidades e formas. (ESTABEL; MORO, 2011, p. 70).

São as funções psicológicas superiores ou processos mentais superiores que diferenciam os seres humanos dos outros animais. A possibilidade de pensar em objetos ausentes, imaginar acontecimentos nunca vividos e planejar ações são atividades dos processos mentais superiores que se distanciam de mecanismos mais elementares como ações reflexas (sucção do seio materno pelo bebê).

Vygotsky ao estudá-las procura entender as características do ser humano através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana tomando o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana, com base no trabalho, como sendo o processo principal que marca o homem como espécie diferenciada. É pelo trabalho que o homem transforma a natureza e cria a cultura e a história humanas. (OLIVEIRA, 1995).

Os instrumentos de trabalho como um machado, trator, são elementos interpostos entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, são, portanto, mediadores, e, eles ampliam as possibilidades de interferência junto à natureza. Da

² REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural na educação. Petrópolis. Vozes, 1995. Apud MORO; ESTABEL (2012, p. 43).

mesma forma os signos são instrumentos que potencializam o controle de ações psicológicas. Os instrumentos de trabalho, porém, são externos ao indivíduo enquanto os signos são voltados para o próprio indivíduo.

Vygotsky chegou à conclusão que o processo de mediação que ocorre por meio de instrumentos e signos é importantíssimo para o desenvolvimento do ser humano enquanto um ser distinto dos outros animais. Somente através da mediação é possível desenvolver atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo. (OLIVEIRA, 1995).

O uso dos signos é marcado por dois processos: o processo de internalização e o processo de organização dos signos em sistemas simbólicos, como a linguagem, por exemplo. No processo de internalização “o indivíduo deixa de necessitar de marcas externas e passa a utilizar signos internos, isto é, representações mentais que substituem os objetos do mundo real”. (OLIVEIRA, 1995, p.35). Ocorre então que os conteúdos mentais tomam o lugar dos objetos, das situações e dos eventos do mundo real. Podemos imaginar um passarinho, formamos uma idéia de passarinho, um conceito, uma imagem, uma representação que substitui o passarinho real sobre o qual pensamos.

Nos processos superiores que caracterizam o funcionamento psicológico tipicamente humano, as representações mentais da realidade exterior são, na verdade, os principais mediadores a serem considerados na relação do homem com o mundo. (OLIVEIRA, 1995, p. 35).

Partindo do pressuposto de que as representações mentais desenvolvem-se também através da linguagem verbal, e que a linguagem escrita é um aperfeiçoamento desta linguagem, acreditamos que é muito importante analisar as atividades de mediação de apropriação da linguagem escrita através das práticas de leitura na biblioteca.

Segundo Barros, Bortolin e Silva (2006) há duas categorias de educadores adultos que atuam como mediadores culturais: os institucionais – professores e bibliotecários; e os não-institucionais – os familiares. As crianças carecem dos mediadores culturais familiares e precisam, para sua humanização, dos mediadores institucionais.

De modo simples “mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores.” (BARROS, 2006, p.17).

A prática da leitura é uma ação multidimensional, pois aciona no indivíduo que a pratica uma gama de processos mentais que lhe possibilitam aprender, rememorar, associar, compreender, interpretar e assimilar para reelaborar de uma ou várias formas a mensagem que lhe foi apresentada. Para que esses processos de pensamento ocorram é necessário que o indivíduo já tenha experiências anteriores que tenham relação com o que esteja sendo experimentado no momento da leitura. Essa associação de fatos e/ou ideias já vivenciados com a novidade que está sendo incorporada é que permitirá ao indivíduo usufruir positivamente da leitura. Tal fato justifica a necessidade do acompanhamento e da orientação ao iniciante do processo de aprendizagem da leitura.

Assim, quando determinadas pessoas e/ou instituições assumem, de modo formal ou informal, o compromisso de se colocar ao lado de, junto de ou, ainda, entre uma pessoa e o objeto que vai ser lido, tendo em vista realizar o acompanhamento e a orientação recomendáveis ao desenvolvimento do saber ler e do gostar de ler, costuma-se dizer que está ocorrendo um processo de mediação da leitura. (NEVES, 2003, p. 222).

E Barros (2006, p.20) ainda esclarece um pouco mais o conceito de mediação ao definir que “a mediação é uma intervenção [...] que deve partir de um diagnóstico para um trabalho de leitura planejada, com conhecimento prévio de conteúdos [...] que possam contribuir para a formação [...] do leitor”.

Para Bortolin (2010, p.107) a mediação da leitura “[...] é um ato fundamental para formação de leitores, um posicionamento sociocultural no sentido de levar o cidadão a ler diferentes textos [...]” ao mesmo tempo em que “[...] é um ato eminentemente intencional em que o sujeito mediador e o sujeito mediado [...] influenciam e são influenciados pelos seus valores pessoais e ideologias.” (BORTOLIN, 2010, p. 114-115).

Ou seja, no processo de mediação, não há neutralidade. Como já foi dito anteriormente a própria leitura acontece em território que é marcado pelos conflitos de classe e ora pode assumir um caráter de instrumento de controle ou atuar como

meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural como acesso ao conhecimento e poder de crítica.

Na opinião de Estabel e Moro (2011, p.80):

O bibliotecário, como mediador entre o livro, o texto e o leitor, deve fomentar ações culturais para que a biblioteca seja um espaço de promoção e estímulo à leitura. Quando a escola incentiva a leitura, a ação do professor e do bibliotecário se desenvolve com atividades que formam leitores críticos e reflexivos.

Não é possível compreender a problemática da leitura em nossa sociedade e, por extensão o trabalho do bibliotecário, a formação do leitor, sem situar o processo de leitura no quadro geral do nosso sistema político/econômico e da nossa organização social. Há uma decadência e falência das instituições políticas; as reivindicações da grande maioria da população brasileira não são atendidas e ao longo da história, as lutas e os esforços pela emancipação democrática foram quase sempre dizimadas pelas forças da direita preocupadas com a manutenção de seus privilégios. (SILVA, 1991).

Somado ao sistema político, o sistema econômico capitalista tem a característica de explorar ao máximo a vida dos trabalhadores em benefício dos que detêm o capital. Esta situação se mantém devido aos aparelhos ideológicos: os meios de comunicação de massa, a legislação, a censura, a escola, a família, a biblioteca e outros. Neste contexto o bloqueio aos livros, a ausência de políticas de leitura, de bibliotecas equipadas fazem parte de uma estratégia para manter o povo na miséria e na ignorância. A leitura não é um dom, ou vocação, a leitura é uma prática social. Ninguém é avesso à leitura por natureza, o que ocorre é que elas podem ser levadas a detestar a leitura. (SILVA, 1991).

Não obstante essa conjuntura desfavorável o bibliotecário vem sendo formado cada vez mais com consciência crítica sobre a importância da mediação da leitura e do seu papel educativo, principalmente nas bibliotecas escolares.

[...] o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca. (BORTOLIN, 2010, p.115).

Corroboram essa afirmação Estabel e Moro (2005, p. 8) ao anunciar que “o papel do bibliotecário é o de mediador entre a leitura, a informação e o leitor. Este profissional, além de orientar o usuário no uso dos suportes informacionais, deve ser um promotor de leitura [...]”.

Por isso é importante pensar que “somente com livros silenciosos e sonolentos no escuro silencioso dos espaços eventualmente abertos, a leitura não nasce, porque quem a faz nascer e existir são seus leitores com a mediação dos educadores de biblioteca.” (ARENA, 2009, p. 164).

A mediação da leitura segundo Almeida Júnior (2007) é imprescindível para que haja a apropriação da informação, ou seja, o objeto da ciência da informação, da biblioteconomia, só se concretiza fazendo uso da leitura. A mediação da informação é o processo que vai da comunicação, via documento, até a transformação do conhecimento de uma pessoa.

Barros (2006, p. 20) ressalta o caráter da mediação como uma intervenção ou intercessão que deve partir de um diagnóstico e precisa ser planejada, “com conhecimento prévio de conteúdos que se conclui possam contribuir para a formação e para o desenvolvimento pessoal do leitor (...)”. E argumenta que o bibliotecário deve saber lidar com a fantasia e o desejo para atrair pessoas, necessita conhecer o seu público, o que sente, do que gosta, em que acredita, para então traçar um projeto de ação para os usuários. A autora também defende que o bibliotecário não deve ser passivo em seu trabalho, precisa ter postura política de fato, capitalizar cultura de modo ininterrupto, deve lutar por seus direitos profissionais, saber exercer a autocrítica, não limitar-se a ser guardião de livros, ser um leitor crítico, e necessita respeitar o leitor, como ser humano, muito mais carente de saber do que de técnicas. (BARROS, 2006a)

Para Martins (2001) a formação do bibliotecário com vistas à missão de estimular o interesse pela leitura, contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada um em benefício de todos, deve ser uma formação que não se restrinja aos aspectos técnicos, mas antes valorize uma ampla formação cultural.

Segundo Rasteli e Cavalcante (2013) os perfis desejados de competência do bibliotecário mediador de leitura são os seguintes:

- a) Ser leitor ativo;
- b) Conhecer as teorias da leitura;
- c) Valorizar as narrativas orais ou Mediação Oral da Literatura;

- d) Viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes;
- e) Desenvolver a *Advocacy* em bibliotecas públicas;
- f) Conhecer políticas públicas para o livro e a leitura;
- g) Estar atento às multiplicidades culturais;
- h) Estabelecer relações afetivas com o leitor;
- i) Trabalhar em equipe;
- j) Estabelecer parcerias;
- k) Ter competências aplicadas às TIC;
- l) Conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0;
- m) Buscar a educação continuada.

Dentre as diversas modalidades de leitura, ocorre com frequência nas escolas, nas séries iniciais do Ensino Fundamental a leitura literária. E para pensar sobre a mediação da leitura literária é preciso antes identificar as peculiaridades e o potencial da literatura.

Para Girotto e Souza (2009) a literatura é concebida como uma arte capaz de motivar, no mesmo processo, a expressão do imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias, dos conhecimentos apropriados pelo sujeito. Em sua essência ela atua sobre as ações e emoções do ser humano, que pode através desta arte, transformar e sofisticar seu processo de humanização. A literatura caracteriza-se pelo seu valor lúdico e pedagógico na formação integral na infância.

Ainda segundo Candido³ apud Bortolin (2010, p.108) a literatura deve cumprir três funções: humanizar, formar e propiciar o conhecimento do mundo e do ser.

A função humanizadora, na atualidade, com tanta intolerância e desrespeito ao outro, nos parece emergencial que seja cumprida, para que além de confirmar a humanidade do homem, na identificação com personagens da literatura, o homem perceba as possibilidades de modificação da sua realidade social, cultural e psicológica. (BORTOLIN, 2010, p. 109).

Na mediação da leitura literária “o mediador tem por função propiciar ao leitor o envolvimento com o texto em sua completitude e, quando possível, levá-lo a compartilhar o que foi lido com outros leitores” (BORTOLIN; ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 211). Ainda segundo os mesmos autores, a mediação deve ser feita de

³ CANDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do Homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

maneira a promover no mediando alterações na cognição, na afetividade e na forma de comunicação e na interação social.

Em muitas bibliotecas escolares esta mediação tem ocorrido, principalmente, na forma da atividade Hora do Conto.

Nessa ocasião ocorre o que pode ser traduzido através das palavras de Caldin (2002a, p. 25):

[...] a literatura é, ao mesmo tempo, voz e letra, a letra carrega a voz, que convida à leitura, que cativa o leitor. Neste percurso, narrador, autor, leitor e ouvinte pervertem a realidade e adentram no mundo ficcional em que o imaginário é experimentado como forma de articulação entre o real e o irreal [...].

Já para Busatto (2003) contar histórias não atinge apenas o plano prático, mas o nível do pensamento e acima de tudo as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Formam-se leitores, valorizam-se etnias, mantém-se a história viva, ao mesmo tempo em que nos sentimos vivos e podemos tocar o coração, alimentar o espírito e resgatar significados para nossa existência.

6 METODOLOGIA

A metodologia é um conjunto de princípios e procedimentos que visa estabelecer a forma e o caminho para se atingir os objetivos estabelecidos.

Neste caso o objetivo é analisar os aspectos da mediação da leitura entre o bibliotecário e estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Para tanto foi utilizada a abordagem qualitativa caracterizada segundo Lüdke e André (1986) por se desenvolver numa situação natural, ser rica em dados descritivos, apresentar um plano aberto e flexível e focalizar a realidade de forma complexa e contextualizada.

Foi escolhida a Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes. A escola selecionada oferece o Ensino Fundamental e sua biblioteca é coordenada por uma bibliotecária.

Na primeira fase foi examinada a literatura a respeito da temática. A partir disto construiu-se o referencial teórico que possibilitou a melhor definição do objeto de estudo, a mediação da leitura por parte do bibliotecário voltada aos estudantes do 2º ao 5º ano.

Na segunda fase procedeu-se à coleta de dados através da entrevista semi-estruturada, por esta permitir maior flexibilidade, aplicada aos estudantes e à bibliotecária. Lüdke e André (1986) afirmam que neste tipo de procedimento os dados coletados são em sua maioria descritivos por serem transcrições de entrevistas. Também fica contemplada a intenção de visualizar a perspectiva dos participantes, o modo pelo qual os entrevistados veem as questões apresentadas.

A terceira fase foi constituída da reunião de informações, organização e análise à luz da literatura pertinente.

6.1 Tipo de pesquisa

O tipo de estudo foi um estudo de caso, pois, buscou se compreender o problema através do estudo das ações, percepções, comportamentos e interações entre o bibliotecário e estudantes. O estudo de caso segundo Gil (1991, p.58) “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”.

Pode-se acrescentar ainda que o estudo de caso valoriza a descoberta, uma vez que neste modelo, o pesquisador procura manter-se atento a novas questões que podem surgir durante o estudo. Ele ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito no momento em que este associa dados encontrados no estudo com dados oriundos de suas experiências pessoais. Usa uma transmissão direta buscando aproximar-se da experiência do leitor. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Além de um estudo de caso, este estudo caracteriza-se também como uma pesquisa exploratória, pois, ainda segundo Gil (1991) essas pesquisas são desenvolvidas visando proporcionar uma visão panorâmica, geral, acerca de determinado fato, e ao mesmo tempo proporcionar maior familiaridade com o problema a fim de torná-lo explícito.

6.2 Instrumentos de coleta de dados

Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta de dados: a observação e entrevistas semi-estruturadas realizadas com a bibliotecária e com os alunos. A observação propiciou um contato direto e pessoal e a reflexão pessoal. As entrevistas semi-estruturadas foram as escolhidas por partirem de um esboço básico, e ao mesmo tempo possibilitarem flexibilidade para que se fizessem as adaptações necessárias. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Procurou-se através das entrevistas: averiguar fatos, determinar opinião sobre os fatos, identificação de planos de ação, conduta atual ou do passado, identificação de razões e motivos. Segundo Dalla Zen (2008) as vantagens desse instrumento são a grande flexibilidade, obtenção de dados não encontrados em fontes documentais e maior riqueza para obter o contexto.

7 CONTEXTO DO ESTUDO

A Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes está situada à Rua: Prof. Frederico Guilherme Gaelzer nº 168 no Bairro Bom Jesus em Porto Alegre- RS. Foi criada pelo Decreto nº 1917, de 20 de fevereiro de 1913 com o nome de Grupo Escolar Fernando Gomes. Convertido em Escola Experimental e fechado, foi reaberto em 11 de abril de 1956. Funcionou em vários prédios e endereços distintos até chegar em 1971 ao atual local. Desde 2001 passou a chamar-se Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes. Atende as comunidades das Vilas Fátima, Divinéia e Bom Jesus, marcadas pela exclusão social e econômica.

A escola oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental completo, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos da manhã, tarde e noite. Em 2013 foram matriculados 694 alunos distribuídos da seguinte forma: 30 alunos na Educação Infantil, 449 alunos no Ensino Fundamental, 137 no Ensino Médio e 77 na Educação de Jovens e Adultos. Para atender esta comunidade a escola dispõe de 48 professores e 11 funcionários.

7.1 Biblioteca Escolar Aldo Locatelli

Fundada em 1965, junto à Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes, a Biblioteca Escolar Aldo Locatelli atende a comunidade escolar: professores, funcionários, pais de alunos e alunos nos três níveis de ensino: Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos: manhã, tarde e noite, mantendo-se aberta durante os recreios. Ocupa uma área de 36 m² no andar térreo, é arejada e iluminada.

Dispõe de uma bibliotecária nomeada para exercer 40 horas semanais e uma professora auxiliar com 20 horas. No contexto das bibliotecas da rede Estadual de Ensino, esta biblioteca pode ser considerada privilegiada por ser uma das poucas que dispõe de uma bibliotecária desde 1995. Tal fato gerou uma comunidade escolar habituada ao uso da mesma, bem como um acervo preservado e organizado.

O objetivo geral da biblioteca é: tornar-se um local para exploração e enriquecimento cultural, disponibilizando um acervo adequado e orientação

bibliográfica criando condições para o desenvolvimento de experiências que estimulem o gosto pela leitura.

A biblioteca tem como Missão: oferecer à comunidade escolar um ambiente favorável à formação do hábito de leitura, que também estimule as inovações no processo educacional.

Seu acervo é constituído por aproximadamente 8.000 exemplares, distribuídos entre material de referência (enciclopédias, dicionários de português, espanhol, inglês e atlas), livros didáticos, livros voltados à formação do professor, literatura brasileira, literatura universal, infantil e infanto-juvenil, mapas geográficos, históricos, e de ciências 3 globos, Cds, Dvds, 1 jogo de xadrez, 1 dominó. Revistas: Ciência Hoje para Crianças, História (Biblioteca Nacional), Filosofia, Cálculo, Língua Portuguesa, Carta Capital. Possui assinatura da revista Mundo Jovem e do jornal Zero Hora.

Nos últimos anos a biblioteca tem recebido livros de literatura através do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE) e do Plano Nacional da Biblioteca da Escola (PNBE), voltados ao Ensino Fundamental, Ensino Médio, e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Em relação à Informatização do acervo, no ano de 2010 a Secretaria Estadual de Educação comprou o programa Arches Lib e disponibilizou para as bibliotecas da rede. Até o ano de 2012 foi feito um esforço no sentido de registrar os livros na nova base de dados e contávamos com 2.300 obras catalogadas quando a Secretaria Estadual de Educação rompeu o contrato e não tivemos mais acesso ao programa, perdendo os registros e ficando sem nenhum tipo de catálogo.

No ano de 2013 foi implantado por iniciativa da bibliotecária e sua auxiliar o programa Bib Livre, que é um software livre muito utilizado por bibliotecas escolares e comunitárias, teve início então um novo processo de inserção de dados para constituir um catálogo informatizado.

Atualmente, o cadastro dos sócios e o empréstimo é feito manualmente através de fichas.

A biblioteca presta os seguintes serviços:

- a) Hora do conto;
- b) Serviço de referência;
- c) Levantamento bibliográfico;
- d) Empréstimo domiciliar;

e) Auxílio à pesquisa.

No ano letivo de 2011 foi realizado o 1º Concurso de Leitura da Biblioteca Escolar Aldo Locatelli. Participação da turma 4º ano A. No mesmo ano foram levantados os seguintes dados relativo ao seu movimento: foram realizados 2271 empréstimos distribuídos entre os 240 alunos associados à biblioteca que representavam aproximadamente 50% do total de 554 alunos matriculados nos turnos da manhã e tarde. No período noturno foram realizados 123 empréstimos para 48 sócios.

Tabela 1 - Proporção de usuários da Biblioteca Escolar Aldo Locatelli por série - 2011

Séries	Número de alunos (Turnos manhã e tarde)	Número de usuários (Cadastrados na Biblioteca)	Proporção de usuários (%)
Jardim	33	6	18
1º ano	41	9	22
2º ano	67	47	70
3º ano	58	35	60
4º ano	50	26	52
5º ano /5ª série	102	44	43
6ª série	49	3	6
7ª série	57	16	28
8ª série	33	3	9
1º Ensino Médio	43	41	96
2º Ensino Médio	13	6	46
3º Ensino Médio	10	2	20
Total:	554	240	43

Fonte: Biblioteca Escolar Aldo Locatelli, 2011

Esta tabela demonstra que do 2º ao 5º ano encontra-se a maior porcentagem de associados à biblioteca, com exceção do 1º ano do Ensino Médio.

8 SUJEITOS DO ESTUDO

Foram selecionados 17 sujeitos para estudo: uma bibliotecária e 16 estudantes, 4 de cada ano, do 2º ao 5º, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. A escolha das turmas entre 2º e 5º deu-se em função da idade que se queria investigar, entre 7 e 12 anos, e também o fato destas turmas serem atendidas com a Hora do Conto. Foram escolhidos para a entrevista aleatoriamente aqueles que frequentavam a biblioteca durante o período de observação para a coleta de dados.

9 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Serão apresentados a seguir os dados obtidos através das entrevistas realizadas com a bibliotecária e os 16 estudantes sujeitos deste estudo e as respectivas análises realizadas a partir das informações obtidas e da literatura examinada.

9.1 Entrevista com a bibliotecária

Questão 1: Quais atividades de mediação de leitura são realizadas para os estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental?

Resposta: São as seguintes: promoção do espaço da biblioteca, empréstimo de livros, Hora do Conto, concursos e mostras culturais.

Questão 2: De que maneira são realizadas?

Resposta: Promoção do espaço da biblioteca: os alunos são incentivados, através de cartazes, bilhetes para os pais, e conversas, a associarem-se à biblioteca, e também a frequentarem a mesma. Após é costume as crianças levarem para suas casas um livro ou dois, emprestados. É opção das crianças, trocarem os livros diariamente, ou em dias pré-determinados pela professora, e não é cobrada multa por atraso. Tem a “turma do balcão”, que quase todos os dias vem bater papo comigo, saber se tem livros novos e jogar conversa fora. Aproveito este momento para dar dicas de leitura.

Hora do Conto: Cada turma tem seu dia e horário pré-definidos. O calendário é feito no início do ano para o primeiro semestre e depois é realizado outro para o 2º semestre, e distribuído para as professoras, em média as turmas tem a Hora do Conto 1 ou 2 vezes no mês, conforme o rodízio de horário. As histórias são escolhidas previamente de acordo a faixa etária dos estudantes: uma história para as turmas do Jardim ao 2º ano e outra para as turmas do 3º ao 5º. A técnica utilizada é a da narrativa simples, os textos são lidos com a interpretação e entonação necessárias, para as turmas do Jardim ao 2º ano as ilustrações são mostradas. A contação de histórias ocorre na sala de vídeo porque é ampla e acomoda todas as crianças, a biblioteca não comporta uma turma inteira, pois só possui duas mesas e

acentos para 18 estudantes no máximo, incluindo as seis cadeirinhas infantis. Então levamos uma sacola cheia de livros, selecionados para eles, para que depois de ouvirem a história eles possam manuseá-los, lê-los, e sempre aproveitamos para divulgar o nosso acervo e convidá-los a visitarem a biblioteca, e funciona.

Concurso melhor leitor: uma determinada turma, do 4º ou 5º ano, é convidada a participar, caso aceitem, cada aluno escolhe um livro, que será lido para o restante da turma. Terão um tempo para se prepararem. Aqueles que melhor se apresentarem, serão premiados. Nesta oportunidade, também, cada um que leu, tira uma foto, que depois será colocada no álbum de fotografias da biblioteca, que eles adoram ver.

Mostras culturais: aproveitando a data de nascimento de autores infantis, são realizadas exposições com as capas dos livros, são fotocópias pintadas pelas crianças, que posteriormente são colocadas em um varal, com o intuito de homenagear os escritores.

Integração com os professores: alguns professores do 4º e 5º ano também costumam pedir que os alunos leiam um livro, valendo nota, com no mínimo 50 páginas, às vezes 80 páginas, então eu faço uma seleção de várias obras indicadas para a idade deles e deixo à disposição para que os alunos escolham.

Questão 3 : Quais atividades de leitura você considera importante oferecer aos estudantes do 2º ao 5º ano?

Resposta: Todas as já citadas, como também, Feira do Livro, com o envolvimento de toda a comunidade escolar, saraus e encontros com os escritores. Enfim trazer para o ambiente da biblioteca a mesma alegria de aprender da sala de aula, desenvolvendo hábitos de leitura e pesquisa orientados pelo bibliotecário.

A primeira resposta da bibliotecária aponta para o espaço da biblioteca como mediador da leitura conforme afirmam Cerrilo e Yubero⁴ (2003) apud Giroto e Souza (2009) a biblioteca escolar apresenta-se como espaço específico de leitura e informação. Ocorre então a divulgação deste espaço, através de bilhetes para os pais e de cartazes é feita a promoção da biblioteca escolar. Os estudantes são incentivados a se associarem e a retirarem livros e outros materiais para levar para

⁴ CERRILO, P. C.; YUBERO, S. (Orgs.). La Formación de Mediadores para la Promoción de la Lectura: contenidos de referencia del Máster de promoción de la lectura y literatura infantil. Cuenca: CEPLI, 2003.

casa. Aqui também as regras não são rígidas para estimular o uso da biblioteca escolar, pois, como sugere Chagas (2011) os prazos e cobranças para o uso da coleção devem ser compatíveis com o desenvolvimento do nível de leitura. Assim a bibliotecária afirma que as crianças podem levar até dois livros emprestados, podem trocá-los diariamente, ou nos dias que as professoras determinarem, e não há cobrança de multa por atraso na devolução.

A bibliotecária também realiza a mediação da leitura através de conversas informais com os estudantes, a que ela se refere como “turma do balcão”, jovens e crianças que frequentam a biblioteca e que são informados sobre novas aquisições e dicas de leitura através de um bate-papo.

A outra forma de mediar a leitura ocorre com a Hora do Conto que é realizada uma vez por semana, nos turnos da manhã e da tarde para as turmas do Jardim ao 5º ano. Há uma preocupação em selecionar os textos escolhidos de acordo com a faixa etária, é escolhida uma história para o Jardim até o 2º ano e outra para o 3º ao 5º ano. A Hora do Conto ocorre na sala de vídeo, o que é considerado positivo segundo Bajard (2002) que afirma não ser desejável que todas as atividades da biblioteca sejam exercidas no mesmo local, mas sim que possam adequar-se às especificidades e utilizar espaços complementares.

Também é mencionada, pela bibliotecária, a realização de concurso de leitura para os estudantes do 4º e 5º ano onde é possível verificar a intenção de estimular o ato de ler em voz alta e em público. Ao mesmo tempo valoriza-se a participação e o evento em si. Os alunos tiram fotos que ficam guardadas no álbum da escola e esse registro contribui para a auto-estima dos mesmos e para o registro da memória da instituição escolar.

Refere-se também às mostras culturais e a integração com os professores. As mostras caracterizam-se por divulgarem algumas obras literárias e autores, uma vez que são reproduzidas capas de livros pintadas pelos estudantes e colocadas num varal em exposição, por ocasião de datas comemorativas. Aqui ocorre a mediação através do contato com as obras e seus autores. Em relação à integração com os professores ela se dá através do pedido dos professores para que a bibliotecária selecione as obras mais indicadas aos estudantes. Muito se tem dito sobre as cobranças feitas pelos professores aos estudantes em relação à leitura literária. Chagas (2011) aponta que muitas vezes a escola preocupa-se mais com a decodificação e compreensão da gramática do que com o prazer do texto.

Observou-se que um dos critérios exigidos pelos professores é a quantidade de páginas, às vezes 50, outras 80, para as turmas do 4º e 5º ano.

Quando questionada sobre as atividades de mediação da leitura que poderia oferecer aos alunos de 2º ao 5º ano, a bibliotecária acrescenta às atividades já ofertadas a realização de uma feira do livro, saraus e encontros com autores. Essas atividades promovem a cultura e a interação entre produtor e consumidor de bens culturais e aproximam leitores e escritores, criam cumplicidade entre os diferentes atores sociais.

9.2 Entrevistas com os estudantes

As entrevistas realizadas com os estudantes aconteceram no decorrer de uma semana, durante o recreio. Os estudantes foram escolhidos aleatoriamente dentre aqueles que entravam na biblioteca e que freqüentavam entre o 2º e 5º ano do Ensino Fundamental.

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos entrevistados

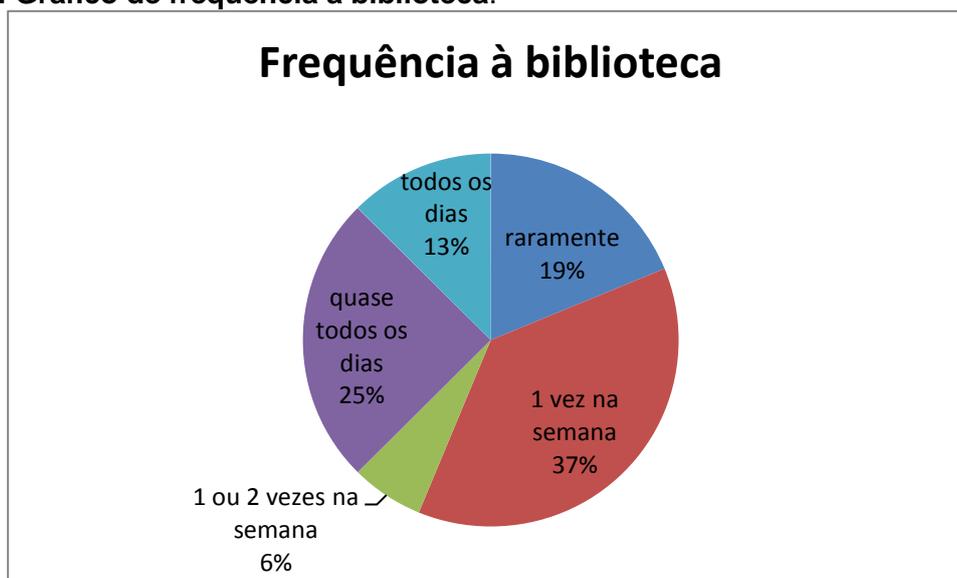
ESTUDANTE	GÊNERO	IDADE	TURMA
1	FEMININO	7	2º Ano
2	FEMININO	7	2º Ano
3	MASCULINO	7	2º Ano
4	MASCULINO	8	2º Ano
5	FEMININO	8	3º Ano
6	FEMININO	8	3º Ano
7	MASCULINO	8	3º Ano
8	MASCULINO	10	3º Ano
9	FEMININO	10	4º Ano
10	FEMININO	10	4º Ano
11	MASCULINO	10	4º Ano
12	MASCULINO	11	4º Ano
13	FEMININO	11	5º Ano
14	FEMININO	11	5º Ano
15	MASCULINO	12	5º Ano
16	MASCULINO	12	5º Ano

Fonte: Tutida, 2013

- Questão 1:** Você costuma frequentar a biblioteca?
- Respostas:**
- Aluno 1 e 2:** Só de vez em quando.
- Aluno 3:** De vez em quando, na hora do recreio eu fico pulando brincando, e esqueço da biblioteca.
- Aluno 4:** Uma ou duas vezes por semana.
- Aluno 5, 6 e 12:** Uma vez por semana.
- Aluno 7, 9, 11 e 15:** Quase todos os dias.
- Aluno 8:** Eu venho todos os dias.
- Aluno 10:** Quando eu termino um livro eu venho pra trocar.
- Aluno 13:** Quase todas as sextas-feiras.
- Aluno 14:** Antes eu não vinha muito, depois meu pai mandou eu vir mais, levar livros pra casa, mais ou menos uma vez por semana.
- Aluno 16:** Todos os dias na hora do recreio ou às 11h quando a professora deixa a gente ir pra biblioteca.

Abaixo, na Figura 1, apresenta os dados das respostas dos sujeitos da pesquisa:

Figura 1: Gráfico de frequência à biblioteca.



Fonte: Tutida, 2013

Em relação à frequência à biblioteca pode-se constatar através das entrevistas que os estudantes do 2º ano são os que menos a frequentam, da amostra selecionada, de quatro alunos, três responderam visitar a biblioteca só de vez em quando. Este dado chama nossa atenção quando comparado à primeira tabela exposta neste trabalho onde está registrado que 70% dos alunos do 2º ano são associados à biblioteca.

Já os estudantes do 3º ao 5º ano responderam frequentar a mesma no mínimo uma vez por semana. No cômputo geral da amostra selecionada ficou demonstrado que 19% dos entrevistados não são assíduos enquanto 81% frequentam no mínimo uma vez por semana, sendo que destes, 13% afirmam frequentar todos os dias. A alta frequência deve-se em parte pela localização privilegiada, bem próxima ao saguão principal da escola onde ocorre também o recreio. Outro fator positivo é a liberdade que os estudantes têm pra fazer os empréstimos nos dias em que quiserem, uma vez que a biblioteca assim o permite. Embora algumas professoras tenham um dia fixo e horário estabelecidos para deixar os alunos irem à biblioteca, isto não os impede de realizar devoluções e fazer novos empréstimos em outros dias. Algumas crianças inclusive pegam um livro e no mesmo dia querem realizar a troca. Confirmou-se também através da observação que muitos alunos realizam o empréstimo de livros todos os dias, no entanto, a grande maioria o faz uma vez por semana.

Esta primeira questão sugere que a biblioteca não tem sido muito atrativa para os escolares na faixa dos sete anos, muito mais voltados ainda para as brincadeiras, ou para o aspecto lúdico do aprendizado e da leitura. Já em relação aos que situam-se entre oito e doze percebe-se a importância do estímulo da família, através do pai que incentiva o filho a levar livros para ler em casa, bem como a atuação da professora que organiza dias e horários para a visita à biblioteca.

Questão 2: O que você pensa sobre a biblioteca?

Respostas:

Aluno 1: É para ler.

Aluno 2: Ela é legal, tem muitos livros pras crianças aproveitarem.

Aluno 3: Não tem todos os livros que eu quero mas tem alguns legais.

Aluno 4: É legal, tem bastante livro pra ler e aprender.

Aluno 5: É boa porque eu aprendo várias coisas lá.

Aluno 6: É um lugar onde se encontra livros.

Aluno 7: Acho um lugar legal porque tem um montão de livros para estudar, aprender e me distrair.

Aluno 8: É legal, tem muitos livros, a gente lê, aprende muitas coisas.

Aluno 9: A biblioteca é um lugar bom para as crianças porque tem vários livros.

Aluno 10 e 11: A biblioteca é um lugar cheio de livros legais para ler.

Aluno 12: Legal, gosto dos livros, eles são criativos.

Aluno 13: Interessante porque tem muitos livros, porque a gente aprende mais.

- Aluno 14:** É um lugar para ler, para passar o tempo
- Aluno 15:** É um lugar para ler, eu gosto de ler pra ler mais rápido, sem gaguejar.
- Aluno 16:** Penso que é um lugar para ajudar as pessoas a ler mais rápido. Conhecer novas histórias, é um lugar bom pra ler.

Em relação ao que os estudantes pensam sobre a biblioteca, a maioria relacionou-a a um lugar onde se encontram livros. Estes apresentam as mais diversas funções para os entrevistados, para alguns eles são criativos, caracterizam-se por proporcionar momentos de fruição, para se distrair ou para passar o tempo, para outros tem uma função didática, ou de autoconhecimento, pois mencionam que aprendem várias coisas. Este aprender várias coisas pode ser entendido como Petit (2008) vislumbra a apropriação de um assunto individual: quando um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais, nos mostra as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, nossa relação com o que nos rodeia. Aliado a este aspecto, percebe-se também a preocupação em melhorar o próprio desempenho em relação ao ato de ler como uma técnica, pois, gostariam de ler “mais rápido e sem gaguejar”. Atribuem a função da leitura diretamente ao aprimoramento da aprendizagem e da avaliação escolar. Gostam da biblioteca escolar, consideram-na um espaço legal e sua principal finalidade é o ato de ler.

A biblioteca é associada diretamente ao livro como objeto, tal fato remete ao desafio de agregar outros elementos de aprendizagem e fruição além do objeto livro. É um desafio complexo que depende não apenas da formação do profissional e de suas competências informacionais, mas principalmente de recursos materiais e políticas públicas para melhorar a estrutura escolar.

Nesse momento em que as TIC têm o seu papel reconhecido e a sociedade cada vez mais apoia-se no uso do computador e da Internet seria muito importante que a biblioteca pudesse oferecer ao usuário o uso das novas tecnologias. A Biblioteca Aldo Locatelli, no entanto, não apresenta condições materiais para fazê-lo, neste momento.

Questão 3: Qual a sua opinião sobre a Hora do Conto?

Respostas:

Aluno 1: Eu gosto porque é legal.

Aluno 2: É bom porque a gente ouve histórias.

Aluno 3: Eu gosto mais de ver as figuras. Gosto de ouvir as histórias mas prefiro ver e ouvir ao mesmo tempo.

Aluno 4: Eu gosto porque aprendemos mais.

Aluno 5: É boa, mas não sei por que.

Aluno 6: Eu gosto muito de ouvir histórias. Elas trazem uma variedade de personagens: princesas, príncipes, cigarras e muito mais.

Aluno 7: Eu gosto demais, é bacana. Eu gosto de ouvir histórias.

Aluno 8: É legal, aprendemos sobre animais.

Aluno 9: Eu gosto da Hora do conto porque é um momento só pra nós, parece que estamos dentro da história.

Aluno 10: Eu gosto da Hora do Conto porque é legal escutar histórias.

Aluno 11: Acho interessante, fico imaginando aquilo que vai sendo lido.

Aluno 12: Divertido porque aprendo novos contos, novas histórias.

Aluno 13: Eu gosto de ouvir as histórias e gosto de ler os livros da caixa.

Aluno 14: É legal, eu penso que devo entender a história, eu presto atenção porque às vezes a professora da aula pede pra gente fazer um desenho ou escrever sobre a história.

Aluno 15: Quando vocês lêem direitinho parece uma história de verdade. Eu ouço palavras que eu entendo e que eu não entendo, eu gosto disso.

Aluno 16: Eu fico imaginando aquilo que eu estou ouvindo. Eu me imagino vivendo aquela história.

Em relação à Hora do Conto verifica-se que os estudantes são envolvidos e participam desta arte de ler oralmente e de ouvir histórias. Quando nosso entrevistado afirma que imagina o que está ouvindo e se vê vivendo a história podemos afirmar que “o contador de histórias resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual.” (CALDIN, 2002a, p. 30).

A menção de outro entrevistado que diz “quando vocês lêem direitinho parece uma história de verdade” nos remete ao fato de que “Contar histórias é uma arte: é necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas no momento certo, não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto (...)” (CALDIN, 2002a, p.30).

Na concepção de algumas contadoras de história não se deve cobrar nenhum tipo de opinião, debate ou produção de ilustrações acerca do que foi lido, pois acreditam que o ouvinte deve ter um tempo livre para assimilar o que foi ouvido. No entanto, conforme é expresso na resposta de um dos entrevistados, algumas professoras, em sala de aula, acham importante que os alunos escrevam ou desenhem sobre a história da Hora do Conto.

Outro entrevistado faz menção à caixa de leitura que é deixada à disposição para aqueles que quiserem ver ou ler os livros após a contação de histórias. Como esta ocorre fora da biblioteca, a bibliotecária ou a professora auxiliar leva uma pequena amostra do acervo para que possam manuseá-los.

Muitos entrevistados afirmam gostar de ouvir as histórias, conforme Caldin (2002a, p. 31) “a oralidade e a escritura convivem lado a lado no lar, na escola e no lazer. Assim, contação e leitura complementam-se para estimular o gosto pelo literário.”

Outros entrevistados citam que gostam de ouvir e de ver as imagens, tal afirmação vem ao encontro do que diz Caldin (2002a) ao afirmar que a voz convida

à leitura e cativa o leitor; e também a autora Aguiar (1985) quando argumenta sobre a necessidade da ilustração para melhor compreensão da história, entre os estudantes de 6 a 8 anos.

Questão 4: Você considera que a bibliotecária incentiva a leitura? Como?

Respostas:

Aluno 1: Sim, ela mostra os livros.

Aluno 2: Sim, incentiva, porque ela lê pra gente.

Aluno 3: Sim ela incentiva lendo para as crianças.

Aluno 4: Não.

Aluno 5: Sim, ela ensina a gente a ler.

Aluno 6: Ensinando a gente a gostar de ler e aprender

Aluno 7: Mostrando onde estão os melhores livros, como eles são, seus autores.

Aluno 8: Não sei.

Aluno 9 e 11: Sempre que eu venho à biblioteca a bibliotecária ajuda a encontrar livros legais.

Aluno 10: A bibliotecária incentiva, ela é legal, boazinha e conversa comigo.

Aluno 12: Ela incentiva recomendando os livros, ela diz: esse é muito bom, aquele é legal.

Aluno 13: Contando histórias, lendo livros interessantes.

Aluno 14: Sim, porque ela sempre responde o que eu pergunto sobre os livros, onde estão.

Aluno 15: Sim, ela me incentiva dizendo que estou lendo bem.

Aluno 16: Sim, ela indica os livros bons.

Ao serem questionados sobre se a bibliotecária incentiva a leitura e como isso acontece, dos dezesseis entrevistados, quatorze responderam afirmativamente. Sete dos entrevistados esclareceram que “a bibliotecária mostra os livros, ajuda-os a encontrá-los, recomenda os livros e os autores, responde o que se pergunta a respeito dos livros e indica livros bons”. Nesse sentido a mediação praticada pela bibliotecária parece aproximar-se do conceito defendido por Neves (2003) ao mencionar que a mediação ocorre quando uma pessoa, de maneira formal ou informal, assume o compromisso de se colocar ao lado, junto ou entre uma pessoa e o que vai ser lido, com o objetivo de acompanhar e orientar o desenvolvimento do saber e gostar de ler.

Os outros seis estudantes que responderam afirmativamente sobre se sentirem incentivados argumentaram que o maior incentivo é a leitura que a bibliotecária realiza para eles. Expressam essa ideia com as seguintes frases: “ela lê pra gente; ensina a gente ler; ensina a gente a gostar de ler e aprender.” Nesta situação a mediação se dá através da Hora do Conto. Esta atividade caracteriza-se pelo tipo de mediação conceituada por Barros (2006) como uma intervenção que parte de um diagnóstico e é planejada com conhecimento prévio de conteúdos que se imagina possam contribuir para a formação e desenvolvimento do leitor.

Questão 5: Você gosta de ler? O quê?

Respostas:

Aluno 1: Sim, eu leio o caderno.

Aluno 2: Sim, eu leio as folhas que a professora dá pra gente ler.

Aluno 3: Eu não sei ler ainda.

Aluno 4: Eu gosto de livros de super-heróis

- Aluno 5:** Mais ou menos
- Aluno 6, 7 e 10:** Sim, tudo e histórias.
- Aluno 8:** Sim, contos de fadas, histórias de animais, de pessoas.
- Aluno 9, 11 e 12:** Sim.
- Aluno 13:** Sim, gosto de levar os livros para ler em casa.
- Aluno 14:** Muito, antes nem tanto, mais agora que meu pai me mandou ler.
- Aluno 15:** Sim, lendas urbanas, piadas, contos de fada.
- Aluno 16:** Gosto.

Quando perguntados sobre o que lêem, responderam que lêem o caderno, as folhas que a professora passa. Aqui a leitura assume sua forma instrumental, seu valor pedagógico, é um recurso didático informativo. Estes alunos ainda não praticam a leitura como fruição literária. Cabe destacar conforme afirmam Gomes e Bortolin (2011) que o interesse pela leitura tem o seu tempo para acontecer: é necessário auxiliar a criança pra que ela descubra a diversidade textual, para que possa ampliar seu horizonte sociocultural.

Outros entrevistados responderam que gostam de lendas urbanas, contos de fada, piadas, histórias de animais, de pessoas, livros de super heróis. Essas preferências nos remetem às ideias defendidas por Aguiar (1985) que afirma que entre 9 e 12 anos as crianças apreciam fábulas, mitos, histórias de fadas e lendas, pois ocorre que orientam-se no mundo concreto através da vivência de situações mágicas. Coelho (1982, p. 33) também salienta que “os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide os personagens (...) facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana (...).

Aqui mais uma vez aparece a importância da família, do pai, da mãe ou de outro familiar que estimule a criança a ler, a frequentar a biblioteca, a levar livros pra casa.

Questão 6: O que te faz gostar de ler?

Respostas:

Aluno 1: Os livros.

Aluno 2: Eu gosto de ler para aprender.

Aluno 3: Eu não sei ler ainda.

Aluno 4: Eu gosto das figuras dos livros.

Aluno 5: Porque eu leio coisas legais.

Aluno 6: Porque sou incentivada em casa e na escola.

Aluno 7 e 8: Porque eu gosto de aprender coisas novas.

Aluno 9: Sempre gostei de ler porque minha mãe trabalha numa escolinha e a professora pedia pra eu ler umas historinhas para as crianças, daí me acostumei. Agora gosto bastante de ler.

Aluno 10: Eu gosto porque me faz ficar mais esperto.

Aluno 11: Porque a professora pede, porque eu acho interessante.

Aluno 12: Os livros, as novas histórias, novos contos.

Aluno 13: Eu gosto de aprender novas palavras, novas histórias.

Aluno 14: Eu gosto de pegar livros pra aprender a ler e às vezes eu não preciso entender, apenas ler.

Aluno 15: Eu gosto de ler porque eu recebo elogios em sala de aula.

Aluno 16: Eu gosto de conseguir ler cada vez mais rápido.

Percebem-se aqui diferentes motivações e interesses que levam os entrevistados a gostar de ler. Em primeiro lugar consideram os livros atrativos, fazem referência às suas ilustrações, e tal fato pode ser confirmado observando o acervo, pois, as remessas de livros obtidos através da Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e do Plano Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) têm proporcionado quantidade e qualidade para esta faixa etária. Outros mencionaram o aspecto pedagógico, ou seja, gostam de aprender novas palavras, aprender coisas novas. Alguns entrevistados atribuíram às histórias o motivo de gostar de ler, podemos interpretar as histórias a que se referem como um fruto positivo da mediação literária, seja através da Hora do Conto e/ou das indicações de leitura. Outros estudantes ainda demonstraram a preocupação com a simples decodificação e silabação, ler para ler mais rápido, ler sem precisar entender. Essas falas evidenciam o que Bortolin (2007) diz a respeito da leitura apenas como instrumento de avaliação e tarefa, e que consiste numa postura equivocada. Por outro lado pode ser vista também como uma tentativa de melhorar sua performance diante da atitude de ler, pois como afirma Kato (1995, p. 34) “(...) a criança tem noção de que sua leitura é ainda uma simulação imperfeita do ato de ler.”

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

Através desta pesquisa foi possível identificar variadas situações em que ocorre a mediação da leitura. As ações praticadas pela bibliotecária mostraram que esta atua como uma facilitadora entre o texto e o leitor. As ações ocorrem por meio da divulgação e da promoção do espaço da biblioteca como mediador entre os leitores e o acervo disponibilizado. Através da flexibilidade das regras em relação às multas e prazos para empréstimo e devolução dos materiais de leitura. A realização de concursos de leitura que além de estimular a leitura em voz alta e em público contribui para a auto-estima. As mostras culturais que promovem a divulgação de obras literárias e autores. A integração com os professores. As interações, a mediação e as conversas informais entre a bibliotecária e os estudantes. A Hora do Conto e o Serviço de Referência.

Alguns aspectos também puderam ser quantificados. Em relação ao número de usuários da biblioteca, são aproximadamente 50% do total de estudantes matriculados. O número de empréstimos realizados, 2.271 para 240 usuários aponta um movimento significativo de leitores que realizam o empréstimo domiciliar. Dos 16 sujeitos da pesquisa, apenas dois, ou seja, 12,4% mencionaram a mediação da leitura realizada pela família. E, dos entrevistados 81% afirmaram freqüentar a biblioteca no mínimo uma vez por semana.

Dentre as atividades de mediação mais significativas consideramos a Hora do Conto e o Serviço de Referência. Foi possível constatar que a Hora do Conto proporciona envolvimento, participação, ocorrendo o resgate da tradição oral e o estímulo à imaginação do ouvinte. A contação de histórias e a leitura são complementares para estimular o gosto pelo literário, pois os estudantes afirmaram sentirem-se incentivados a ler quando ouvem as histórias. A Hora do Conto também é uma atividade planejada previamente, os textos são escolhidos visando contribuir para formação e desenvolvimento do leitor.

No Serviço de Referência a bibliotecária coloca-se junto, ao lado dos estudantes, entre eles e o que vai ser lido conforme expressaram os entrevistados ao afirmarem que são ajudados a encontrar os livros que buscam, e, que também recebem recomendações de livros e bons autores.

Conclui-se que a mediação da leitura praticada entre a bibliotecária e os estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental demonstra que há identificação

entre os escolares e a bibliotecária como um modelo que orienta, acompanha e os auxilia a descobrir e percorrer o universo da cultura letrada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º Grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em Crise na Escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. P. 85-105.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, Mediação e Apropriação da Informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. P. 33-45.

ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no Espaço da Biblioteca Escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009. P.157-185.

BAJARD, É. **Caminhos da Escrita**: espaço de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2002.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. A Mediação da Leitura na Biblioteca. In: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006. P.17-22.

_____. O Bibliotecário e o Ato de Ler. In: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006 a. P.117-132.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009. P. 205-218.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação Oral da Literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

_____. **O Mediador de Leitura**. 2007. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302> Acesso em: 11 out. 2013.
BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A Oralidade e a Escrita na Literatura Infantil: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 13, p. 25-38, 2002a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213>>. Acesso em: 10 set. 2013.

_____. A Leitura como Função Pedagógica: o literário na escola. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n.1, jan./jun. 2002. Disponível em: < <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008138&dd1=4c263> > Acesso em: 15 set. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento Informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAGAS, Magda. Outros Sentidos sobre Leituras e Leitores na Biblioteca Escolar. In: CASTRO FILHO, Claudia Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **Dizeres sobre Biblioteca Escolar**: palavras em movimento. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2011. P. 45-56.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COELHO, N. N. A **Literatura Infantil**: história, teoria, análise. São Paulo: Global, 1982.

DALLA ZEN, Ana Maria. **Métodos Qualitativos**. Porto Alegre, 2008. Slide.

ESTABEL, Lizandra B.; MORO, Eliane Lourdes da Silva. A Mediação da Leitura na Família, na Escola e na Biblioteca através das Tecnologias de Informação e Comunicação e a Inclusão das Pessoas com Necessidades Especiais. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 67-81, jan./jun. 2011.

_____. A Leitura e seus Mediadores como Inclusão Social de PNEEs com Limitação Visual. In: Congresso Internacional de Educação, 4, 2005, São Leopoldo, Unisinos. [CD-ROM].

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS. **Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares**. Brasília: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares/FEBAB, 1985. P. 49-52.

FERREIRA, Maria Helena Mariante; ARAÚJO, Marlene Silveira. A Idade Escolar: latência (6 a 12 anos). IN: ELZIRIK, Claudio Laks (Org.) **O Ciclo da Vida Humana**: uma perspectiva psicodinâmica. São Paulo: Artmed Editora, 2001. P. 105-115.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Esse Brasil que não Lê. IN: AMORIN, Galeano (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto Pró-livro, 2008. P. 61-72.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. In: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de letras, 2009. P. 19-47.

GOMES, Luciano Ferreira; BORTOLIN, Sueli. Biblioteca Escolar e a Mediação da Leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 2, p. 157-170, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/11962>> Acesso em 13 set. 2013.

IFLA/UNESCO. Manifesto sobre la Biblioteca Escolar. [199-] Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm>> Acesso em: 25maio 2013.

KATO, Mary A. Como a Criança Aprende a Ler: uma questão platoniana. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.) **Leitura** : perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995. P. 30-37.

LÁZARO, André; BEAUCHAMP, Jeanete. A Escola e a Formação de Leitores. IN: AMORIN, Galeano (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa oficial: Instituto Pró-livro, 2008. P. 73-82.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo : EPU, 1986.

MARTINS, L. M. B. O Profissional da Informação e o Processo de Mediação da Leitura. In: CASTRO, C. A. **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: múltiplos discursos. São Luís: EDUFMA; EDFAMA, 2002. P. 143-160.

MORO, Eliane L. da Silva. Ambientes virtuais de Aprendizagem e Recursos da Web 2.0 em Contexto Hospitalar: rompendo a exclusão temporária de adolescentes com fibrose cística. Porto Alegre: PPGDU/UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://sabi.ufrgs.br/>> Acesso em 17 set. 2013.

MORO, Eliane L. da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Mediadores de Leitura na Família, na Escola, na Biblioteca, na Bibliodiversidade. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; MORO, Eliane L. da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Org.). **Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf/SEAD/UFRGS, 2012. P. 41-63.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt . Ler e Escrever na Biblioteca. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt (Org.) et al. **Ler e Escrever**: compromisso de todas as áreas. 5. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2003.P. 219-229.

_____. A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A Leitura como Prática Pedagógica na Formação do Profissional da Informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. P. 17-32.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares**. Brasília: Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares / FEBAB, 1985.

PETIT, Michèle. **A Arte de Ler ou como Resistir à Adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto. A Literatura no Desenvolvimento da Criança. In: OLMI, Alba; PERKOSKI, Norberto (Org.). **Leitura e Cognição: uma abordagem transdisciplinar**. Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2005. P. 131-161.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A Competência em Informação e o Bibliotecário Mediador da Leitura em Biblioteca Pública. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 36, p. 157-180. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/search_result.php > Acesso em: 11set. 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **A Leitura Fora do Livro**. Disponível em : <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>> Acesso: 11 out. 2013.

SERAFINI, Loiva Terezinha; ZANOTTO, Sônia Regina. Sistema Estadual de Educação: bibliotecas presentes e ausentes nas escolas do Rio Grande do Sul. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva *et al.*(Orgs.) **Biblioteca Escolar: Presente!** Porto Alegre: Evangraf/CRB-10, 2011. P. 71-85.

SILVA, Ezequiel T. da. O Bibliotecário e a Formação do Leitor. In: **De Olhos Abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. P. 116-122.

SILVA, Ezequiel T. da; ZILBERMAN, Regina. Pedagogia da Leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel T. da (Orgs.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. P.111-115.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TUTIDA, Claudia et al. Biblioteca Escolar Aldo Locatelli. Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção da aprovação na disciplina de Estatística Básica I. Porto alegre, 2011. P. 8.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca Escolar: uma visão histórica. **Trans-informação**, v. 2, n. 1, p.15-24, janeiro/abril 1990.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa atender a exigência das Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde), ora vigentes no Brasil e, adequado às Diretrizes Internacionais do CIOMS (1993) e às Diretrizes Consensuais Tripartites para a Boa Prática Clínica (1997).

Este estudo é denominado “Biblioteca Escolar Aldo Locatelli e a Mediação da Leitura” e tem como objetivo geral verificar como ocorre a mediação da leitura entre o bibliotecário e estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em uma biblioteca da rede pública estadual de ensino em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Os objetivos específicos são:

- a) identificar situações de mediação da leitura em uma biblioteca da rede pública estadual de ensino;
- b) observar como se dá a mediação da leitura com alunos do 2º ao 5º ano do Ensino fundamental;
- c) analisar a atuação do bibliotecário e alunos do 2º ao 5º ano no processo de mediação;
- d) descrever as atividades de mediação da leitura.

Este estudo apresenta como justificativa o fato das pesquisas apontarem como de extrema importância a mediação da leitura na capacitação dos leitores. Por isso pretende contribuir para melhor entendimento das questões que envolvem o bibliotecário e estudantes do Ensino Fundamental no processo de mediação da leitura.

Os sujeitos deste estudo são uma bibliotecária da Escola Estadual de Educação Básica Fernando Gomes e mais 16 alunos, sendo 4 alunos de cada turma do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A metodologia desta pesquisa se caracteriza por apresentar uma abordagem qualitativa, ou seja, desenvolve-se numa situação natural, rica em dados descritivos e aborda a realidade de forma complexa e contextualizada. É um estudo de caso e os instrumentos para coleta de dados foram a observação e uma entrevista semiestruturada.

Além de aceitar participar do estudo “Biblioteca Escolar Aldo Locatelli e a Mediação da Leitura”, declaro ter recebido e compreendido as informações constantes neste documento.

Eu, _____

Abaixo assinado, declaro ter lido e compreendido todas as informações relativas ao Projeto.

Aceito que os dados coletados permaneçam como propriedade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de minha autoria (Claudia Tutida).

Declaro que fui informado que é possível me retirar do estudo, com o seu consentimento, a qualquer momento que assim o desejar.

Porto Alegre, _____ de outubro de 2013.

Nome do Sujeito participante:

Idade:

Nº da Carteira de Identidade:

Assinatura: _____

Se necessário:

Nome do responsável:

Nº da Carteira de Identidade:

Assinatura do responsável legal:

Endereço para contato: DCI/FABICO/UFRGS

Rua: Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana – Porto Alegre-RS

Tel: (51) 33085138

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA

Esta é uma entrevista semiestruturada realizada para coleta de dados do estudo “Biblioteca Escolar Aldo Locatelli e a Mediação da Leitura: um estudo de caso”.

Nome:.....

Idade:.....

Sexo:.....

Tempo de formação profissional:.....

Cargo e função na biblioteca:.....

- 1) Quais atividades de mediação de leitura são realizadas para os estudantes do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental?
- 2) De que maneira são realizadas?
- 3) Quais atividades de leitura você considera importante oferecer aos estudantes do 2º ao 5º ano?

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES

Esta é uma entrevista semiestruturada realizada para coleta de dados do estudo “Biblioteca Escolar Aldo Locatelli e a Mediação da Leitura: um estudo de caso”.

ENTREVISTA COM OS ESTUDANTES

Turma:.....Idade:..... Sexo: () M () F

- 1) Você costuma frequentar a biblioteca?
- 2) O que você pensa sobre a biblioteca?
- 3) Qual a sua opinião sobre a Hora do Conto?
- 4) Você considera que a bibliotecária incentiva a leitura? Como?
- 5) O que você lê na biblioteca?
- 6) O que te faz gostar de ler?

ANEXO A – CALENDÁRIO HORA DO CONTO

BIBLIOTECA ALDO LOCATELLI

CALENDÁRIO HORA DO CONTO – MANHÃ

JARDIM A

DATA	HORÁRIO
26 de MARÇO -2ª feira	8h 30
23 de ABRIL – 2ª feira	8h 30
28 de MAIO – 2ª feira	8h 30
25 de JUNHO –2ª feira	8h 30
6 de AGOSTO –2ª feira	8h 30
3 de SETEMBRO - 2ª feira	8h 30
1 de OUTUBRO – 2ª feira	8h 30
29 de OUTUBRO – 2ª feira	8h 30
26 de NOVEMBRO – 2ª feira	8h 30

**ANEXO B – RELAÇÃO DE LIVROS UTILIZADOS PARA HORA DO CONTO
TURMAS: JARDIM AO 2º ANO**

BEHRENDT, Mila. **Giros.**

BELINKY, Tatiana. **O Caso do Bolinho.**

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo.**

FIÚZA, Elza. **A Galinha Ruiva.**

FIÚZA, Elza. **O Pintinho Quiquiriqui.**

GONZÁLEZ, Olalla. **Cabritos, Cabritões.**

GUEDES, Avelino. **O Sanduíche da Maricota.**

LUFT, Lia. **Histórias de Bruxa Boa.**

MACHADO, Ana Maria. **Balas, Bombons, Caramelos.**

MACHADO, Ana Maria. **Beto, o Carneiro.**

MACHADO, Ana Maria. **O Menino que Espiava pra Dentro.**

MACHADO, Ana Maria. **Quem Perde Ganha.**

MASSARANI, Mariana. **Salão Jacqueline.**

ORTHOF, Sylvia. **Maria-Vai-Com-As-Outras.**

PAES, Ducarmo. **A Joanhinha que Perdeu as Pintinhas.**

PENTEADO, Maria Heloísa. **Lúcia Já –Vou-Indo.**

RANCHETTI, Sebastiano. **Animais e Opostos.**

REIS, Lúcia. **A Zebrinha Preocupada.**

ROCHA, Ruth. ... **Que eu vou pra Angola.**

ROCHA, Ruth. **O Trenzinho do Nicolau.**

ROSA, Sonia. **O Menino Nito.**

STEVENS, Janet. **Em Cima e Embaixo.**

TAYLOR, Sean. **Quando nasce um Monstro.**

WOOD, Audrey. **A Casa Sonolenta.**

**ANEXO C – RELAÇÃO DE LIVROS UTILIZADOS PARA HORA DO CONTO
TURMAS: 3º ANO AO 5º ANO**

AZEVEDO, Ricardo. A história do príncipe Luís. In: _____ **Armazém do Folclore.**

AZEVEDO, Ricardo. A princesa que se perdeu na floresta. In: _____ **Armazém do Folclore.**

AZEVEDO, Ricardo. A tartaruga e a fruta amarela. In: _____ **Histórias que o Povo Conta.**

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de Adivinhação:** versões de contos populares.

AZEVEDO, Ricardo. O lobisomem. In: _____ **Armazém do Folclore.**

BARBIERI, Stela. **O Reino dos Mamulengos.**

BATT, Tanya Robyn. As três fadas. In: **O Tecido dos Contos Maravilhosos.**

BATT, Tanya Robyn. O tecido da serpente Pembe Mirui. In: **O Tecido dos Contos Maravilhosos.**

BELINKY, Tatiana. **A Operação do Tio Onofre.**

BELINKY, Tatiana. **História de Fantasma.**

CASSOL, Léia. **Férias na Floresta.**

FRIES, Claudia. **Um porco veio morar aqui.**

HAURÉLIO, Marco (Org.). **Contos Folclóricos Brasileiros.**

FLEMING, Candance. **João Esperto leva o Presente Certo.**

LADEN, Nina. **A Noite em que segui meu Cachorro.**

MACHADO, Ana Maria. A donzela guerreira. In: **Histórias à Brasileira.**

MACHADO, Ana Maria. **Camilão, o Comilão.**

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do Laço de Fita.**

MACHADO, Ana Maria. Os três coroados. In: **Histórias à Brasileira.**

Moça-águia. In: **Quem Quiser que Conte Outra. Pode entrar Dona sorte.**

MOREIRA, José Ricardo. **A Árvore de Natal mais Bonita do Mundo.**

QUEIROZ, Raquel de. **Cafute & Pena-de-Prata.**

ROCHA, Ruth. **Eugênio, o Gênio.**

ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo e Outras Histórias.**

ROCHA, Ruth. **Procurando Firme.**

SOUZA, Herbert José de. **Miltopéia: a centopéia solidária.**

SSÓ, Ernani. **Contos de Morte Morrida.**

TORERO, José Roberto. **Chapeuzinhos Coloridos.**

Vivendo sem a vaca. In: **Verso e Reverso.**